

# ASSASSINATO DE ALEXANDRE VANNUCCHI LEME GEROU PROTESTOS DA SOCIEDADE

Marina Gonzalez  
Jornalista

Acervo Iconographia

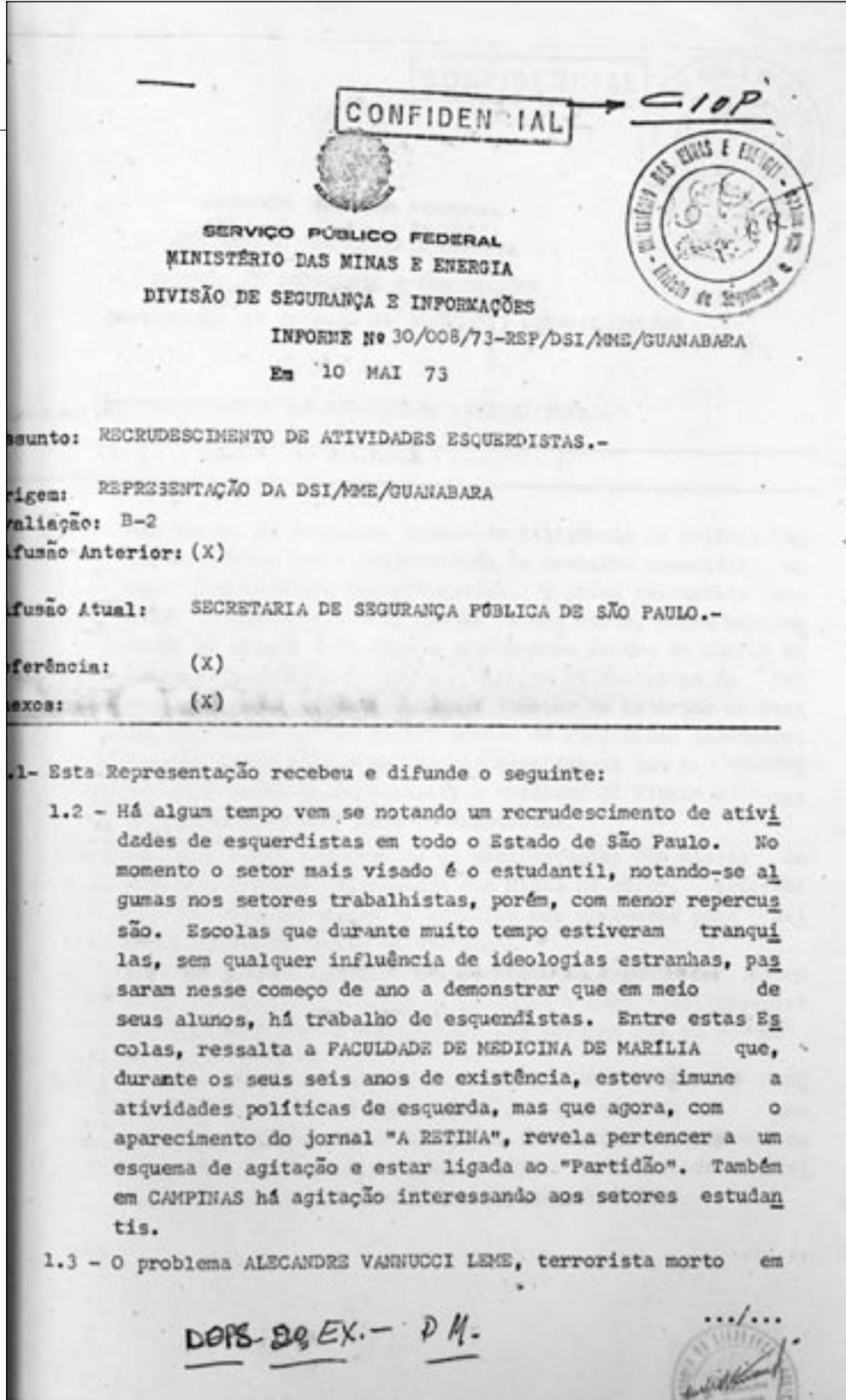


os alunos da  
geologia usp  
convidam v.s. para  
a missa de 7: dia de  
alexandre vanucchi leme  
dia 30 às 18:30 hs.  
na catedral da sé  
sp 27/3/73

**E**m 1973, Alexandre Vannucci Leme tinha 22 anos e cursava o quarto ano de Geologia na USP. Era um ótimo aluno, foi o primeiro colocado no vestibular, participava do movimento estudantil e militava no grupo clandestino Ação Libertadora Nacional (ALN). Na manhã de 16 de março, foi preso por agentes do II Exército, pertencentes ao Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi). Até hoje não se sabe ao certo como e onde Alexandre foi capturado, mas o fato é que sobreviveu por pouco mais de 24 horas nas mãos dos torturadores do DOI-Codi.

A confirmação de sua morte veio somente uma semana depois, com a publicação de um comunicado policial. A versão oficial sustentava que Alexandre morrera a caminho do hospital, depois de ser atropelado por um caminhão. Ele teria sido conduzido pelos órgãos de segurança até o bairro do Brás, para mostrar onde tinha um “ponto” com um companheiro de grupo, e teria tentado fugir.

Note-se que a mesma explicação já havia sido usada para justificar o assassinato de Antonio Benetazzo, preso em 28 de outubro de 1972 e morto dois dias depois. No final da década de 1960, Benetazzo era estudante de Arquitetura, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia e professor em cursos pré-universitários. Diferentemente de Alexandre, abandonou a USP para



se dedicar à luta armada contra o regime militar, e desde 1969 vivia na clandestinidade.

A morte de Alexandre, apelidado “Minhoca” pelos colegas, teve repercussão imediata. Outros estudantes também haviam sido presos e era preciso tomar alguma

atitude. O Conselho de Centros Acadêmicos declarou luto na USP e os alunos pressionaram por uma intervenção do então reitor Miguel Reale que, num ofício à Secretaria de Segurança Pública do Estado, solicitou informações sobre a morte de Alexandre “aos órgãos

CONFIDENCIAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA

DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

Continuação do Informe nº 30/008/73-REP/DSI/MME/GB

Em 10 MAI 73

to: RECRUDESCIMENTO DE ATIVIDADES ESQUERDISTAS.-

São Paulo, em desastre, quando de diligência da Polícia Paulista, revela bem a profundidade do trabalho comunista no meio universitário daquele Estado. O jovem terrorista era aluno de Geologia/USP e, quando de sua morte, houve manifestação de alunos e de alguns professores dentro do CAMPUS da USP, com suspensão de aulas e derrame de "boletins de protesto" em toda a Universidade e escolas do interior do Estado, assinados por um grande número de Diretórios Acadêmicos. Nesses, entre outros argumentos verifica-se que o "PROTESTO" pela morte do terrorista, o "DIREITO DE VIVER" e os "DIREITOS DO HOMEM" eram as constantes.

1.4 - Também o clero associou-se às manifestações com missas em diversas cidades, culminando com MISSA na SÉ/SP, oficiada por Dom ARNS que assim se associou aos protestos pela prisão e posterior morte de VANNUCCI.

"Não se conhece qualquer manifestação de repúdio do clero paulista aos assassinatos de cidadãos - como "justiçamento" por VANNUCCI e seus comparsas". São reparos que se ouvem.

1.5 - Nota-se que a infiltração na FACULDADE DE MEDICINA DE MARILIA é de certa forma uma vitória da esquerda, de vez que em anos passados, houve por parte de alunos esquerdistas da Faculdade de Filosofia daquela cidade, tentativa de envolvimento dos alunos da MEDICINA sem qualquer êxito.

competentes". A resposta, porém, conteria as mesmas informações já divulgadas pelos jornais.

Também partiu dos estudantes a idéia de convidar dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, para realizar uma missa em memória do colega assassinado. A celebração

na Sé, marcada para o dia 30 de março, transformou-se na primeira grande manifestação pública de oposição à Ditadura desde as manifestações de 1968.

*Partiu dos estudantes a idéia de convidar dom Paulo Arns para celebrar missa na Sé em memória de Alexandre, em 30 de março de 1973, primeiro grande ato de oposição à Ditadura desde 1968*

Centenas de pessoas que estiveram na missa foram levadas ao DOPS, a maioria libertada em seguida. Panfletos assinados pelo fictício "Movimento dos Estudantes Democráticos", provavelmente obra da repressão política, condenavam o suposto exagero das manifestações, pois o pesar pela perda de Alexandre estaria "se transformando numa crítica acin-tosa e ilegal ao governo", "o 'Minhoca' (...) por suas ligações com bandos subversivos armados teve um triste fim".

Até a Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Ministério de Minas e Energia, sediada na então Guanabara, via nas repercussões do caso o "recrudescimento de atividades esquerdistas" e a "profundidade do trabalho comunista no meio universitário" do Estado de São Paulo. O Informe 30/008, de 10 de maio de 1973, afirma que esse problema espalha-se não só na capital mas em diversas cidades do interior, e que o clero associou-se às manifestações. De fato, não faltam panfletos de centros acadêmicos do interior e relatos de agentes sobre missas em cidades como Sorocaba (onde moravam os pais de Alexandre), Botucatu, São Joaquim da Barra e

Arquivo do Estado/Reprodução: Daniel Garcia

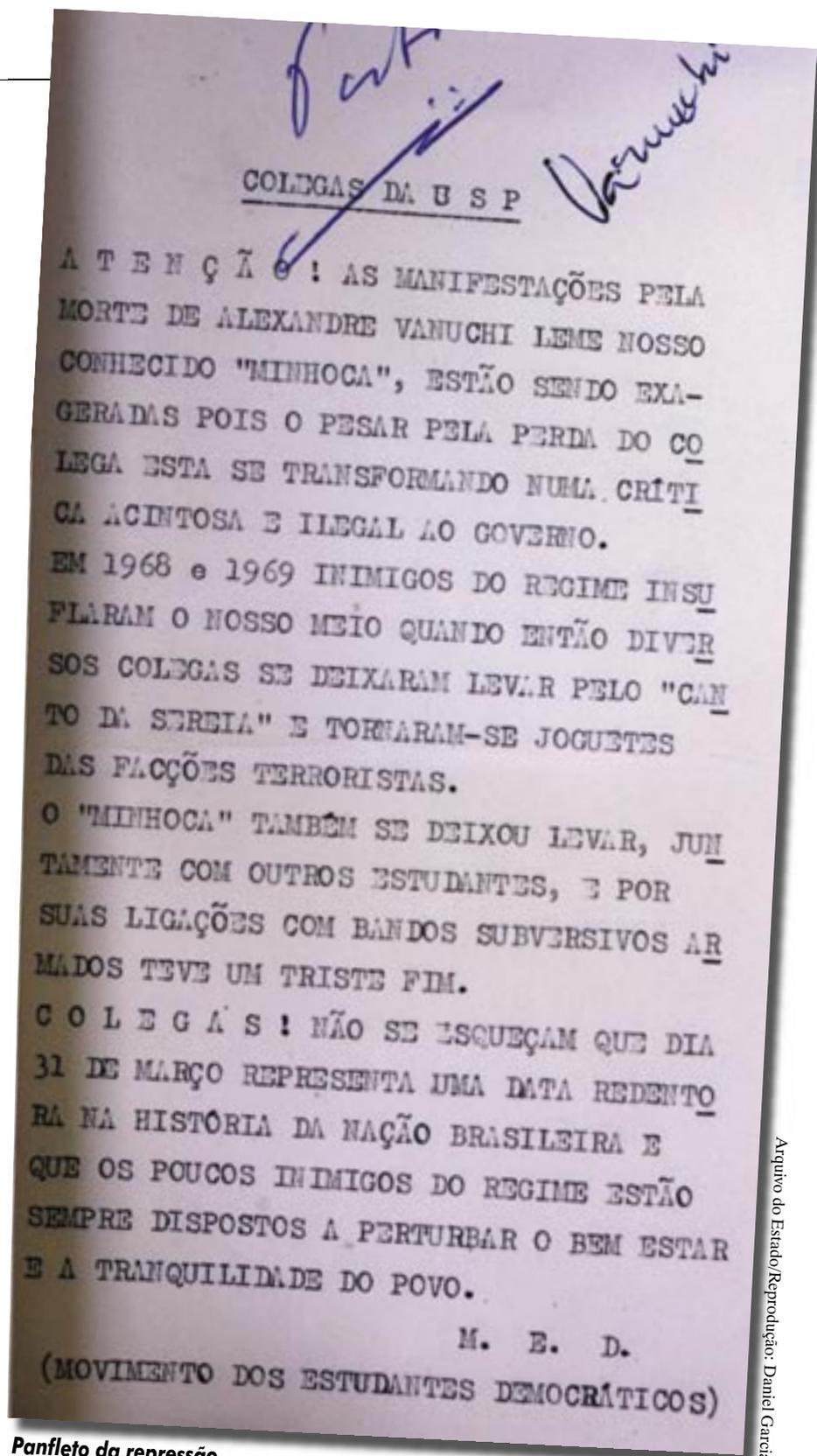
Maio 2005

Ribeirão Preto, em homenagem ao jovem assassinado.

O jornalista Caio Túlio Costa, autor do livro *Cale-se* (São Paulo, ed. A Giraffa, 2003), que relata as atividades do movimento estudantil na USP no período compreendido entre a morte de Alexandre e o show de Gilberto Gil na Escola Politécnica em maio de 1973, lembra que o momento da prisão do estudante permanece desconhecido porque não houve testemunhas. As dúvidas sobre as circunstâncias de sua morte são ainda maiores porque não se tem acesso aos arquivos do DOI-Codi, órgão em cujas dependências ele teria sido assassinado: “Faltam-nos os documentos do DOI-Codi e também de outros órgãos como o SNI [Serviço Nacional de Informações] e o Cenimar [Centro de Informações da Marinha].”

Costa acredita tratar-se de relatórios e fotografias que poderiam ajudar a elucidar o caso. A documentação encontrada até o momento no acervo do DOPS em poder do Arquivo do Estado refere-se a episódios posteriores à morte de Alexandre, como a ida de José de Oliveira Leme ao DOPS, em busca de notícias do filho, o atestado de óbito, os relatos de missas e os impressos produzidos pelos centros acadêmicos da USP com a finalidade de denunciar o crime praticado pela repressão política.

Contudo, os papéis do DOPS ainda podem conter surpresas. Em 2004, o jornalista Mário Magalhães localizou ali laudos, do Instituto Médico-Legal e da Divisão de Identificação Civil e Criminal da Polícia, que confirmaram de modo irrefutável que outro militante da ALN,



Panfleto da repressão

Virgílio Gomes da Silva, o “Jonas”, foi assassinado sob tortura em 1969.

Alexandre Vannucchi Leme foi enterrado como indigente. Os restos mortais foram entregues à família em

1983, dez anos após o seu assassinato.

Em 1976, os estudantes da USP criaram, em assembléia, o Diretório Central dos Estudantes-Livre Alexandre Vannucchi Leme.

## Missa para um estudante morto

"Pela Igreja de Cristo, para que em todos os tempos e lugares, mais especialmente em momentos difíceis ela pregue sem cessar que todos os homens são irmãos em Cristo Jesus; pelos companheiros da USP e suas famílias para que voltem para junto de seus colegas e possam construir em paz o dia de amanhã rezamos ao Senhor; por nosso irmão, para que sua vida e morte não tenham sido em vão mas que seu exemplo permaneça sempre entre nós, para que também a nossa vida esteja sempre comprometida com o serviço do Bem e da Verdade".

Esta oração foi rezada na tarde chuvosa da última sexta-feira, em São Paulo, durante missa celebrada pelo bispo de Sorocaba, dom José Melhado Campos, enquanto uma platéia de cerca de 3 mil pessoas, entre as quais um número inusitado de estudantes universitários, com expressões sérias no rosto, lotavam a Catedral da Sé. No altar, o co-celebrante da missa, o cardeal-arcebispo de São Paulo dom Paulo Evaristo Arns pronunciava as primeiras frases de sua pregação: "Cristo, mesmo depois de morto, foi devolvido aos familiares e amigos: essa justiça fez o representante do poder romano". Além da pregação de dom Paulo, os fiéis ouviram a música *Calabouço*, cantada por Sérgio Ricardo, no púlpito da igreja.

Os estudantes que compareceram à missa além de seus familiares ouviram

do cardeal a explicação de que a vida do ser humano é tão preciosa que Deus, com o objetivo de engrandecê-la, entrega a responsabilidade de sua preservação aos homens. Em toda a pregação de dom Paulo esteve presente o sentido de grandeza da vida: "Deus confiou a vida dos homens aos seus irmãos". Em seguida, fez perguntas: "A voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim? Se a vida é dom de Deus, a dignidade é a lembrança mais visível do homem na terra. Os homens podem estar nus, mas têm dignidade".

Durante a missa os estudantes entoavam cânticos contidos no folheto distribuído na entrada da Catedral e formulado pela Comissão Arquidiocesana de Liturgia. Dizia a *Celebração da Esperança*: "Estamos aqui reunidos porque somos cristãos e, por conseguinte, desejamos rezar por nosso irmão desaparecido". E o ato penitencial completava: "Estamos feridos porque um de nossos irmãos nos foi arrebatado prematuramente".

Entre os milhares de fiéis, um casal participava comovido da missa. A mulher, vestida de preto, chorava em companhia de duas filhas. Era a mãe do estudante da Universidade de São Paulo, em memória de quem estava sendo celebrada missa de sétimo dia na Catedral da Sé. Após a cerimônia, o casal foi abraçado pelo cardeal Evaristo Arns e pelo bispo dom José Machado Campos.

Acervo Iconographia

### "Subversivo tenta fugir mas morre atropelado"

Assim o jornal *O Globo* deu título à notícia da morte de Alexandre Vannucchi Leme, dias após o ocorrido. "Os órgãos de segurança revelaram que o terrorista Alexandre Vannucchi Leme, conhecido como 'Minhoca', morreu atropelado por um caminhão quando tentava fugir ao ser levado por agentes a um encontro com outro terrorista, no cruzamento das ruas Bresser e Celso Garcia".

Nada menos do que três pessoas teriam testemunhado o atropelamento, segundo o jornal: "Três testemunhas contaram que presenciaram o acidente em que morreu o motorista". Uma delas, "Alcino Nogueira de Souza, empregado de balcão da Confeitaria Santa Cruz (...), chegou a servir uma cerveja ao terrorista. Viu quando ele olhou para um lado e para o outro, atravessou correndo a rua e foi colhido pelo caminhão".

O excesso de nomes e detalhes (inclusive a chapa do suposto caminhão atropelador) é pouco usual em casos de acidentes de trânsito, fazendo supor que a matéria de *O Globo* foi preparada em estreita colaboração com os órgãos de segurança. O texto afirma também que "com base em informações" de Minhoca foi possível "identificar" outros integrantes da ALN, o que é outra operação típica da repressão: sugerir que a pessoa assassinada delatou companheiros.

Noticiário do jornal *Opinião* sobre o caso: tarja preta denuncia censura

## Leia e assinie opinião

### Nota oficial sobre a morte do estudante Vannucchi

Em um comunicado divulgado no último sábado dia 31 de março, à tarde, o secretário de Segurança de São Paulo, general Sérgio Mota Lima, deu a versão oficial dos fatos que culminaram com a morte de Alexandre Vannucchi Leme, no dia 4.º ano

foi coroada de êxito para Alexandre, pois quando ultrapassou a primeira fila de veículos foi atingido pelo caminhão Mercedes-Benz, placa NT-1903, dirigido por João Cascov".

O general Sérgio esclarece ainda segundo laudo do Instituto de Criminalística, Alexandre faleceu sem